

autoridade

jeff vandermeer

Tradução de Casimiro da Piedade



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Ann

ÍNDICE



01: ENCANTAMENTOS	9
02: RITUAIS	75
03: ASSOMBRAÇÕES	195
VIDA DEPOIS DA MORTE	251
AGRADECIMENTOS	293

1

**ENC
ANTA
MEN
TOS**

000

Nos sonhos de Control, é ainda manhã cedo, e o céu é de um azul profundo com apenas uma impressão de luz. Está no topo de uma falésia a olhar para um abismo, uma baía, uma enseada. Está sempre a mudar. Consegue ver a milhas de distância por cima das águas serenas. Consegue ver gigantes marinhos ao longe, deslizando sob a superfície do oceano como orquídeas ou cascos largos de navios, silenciosos, em constante movimento, com um tamanho que inspira uma tal sensação de poder que consegue sentir o efeito provocado pela sua passagem mesmo de tão longe. Fica horas a olhar para aquelas formas, para os seus movimentos, à escuta dos sussurros que lhe chegam... e depois cai. Sem produzir um único som, cai lentamente, demasiado lentamente, às águas negras, sem causar qualquer distúrbio na sua superfície. E continua a cair.

Por vezes, isto acontece-lhe quando está acordado, como se não estivesse a prestar a atenção devida a algo, e então recita calmamente o seu próprio nome até regressar ao mundo real.

001

CAINDO

Primero dia. O início da sua última oportunidade.

— São estas as sobreviventes?

Control pôs-se ao lado da subdiretora da Extensão Sul, atrás do painel de vidro unidirecional, e observou as três mulheres sentadas na sala de interrogatórios, todas membros da décima segunda expedição à Área X.

A subdiretora, uma mulher negra, alta e magra, com quarenta e tantos anos, não respondeu, o que não surpreendeu Control. Não lhe tinha dito uma única palavra para além do estritamente necessário desde que chegara ao trabalho nessa manhã, depois de ter tirado a segunda-feira para organizar as suas coisas. Não olhara muito para ele, a não ser quando ele lhe pedira, e ao resto da equipa, para o tratar por “Control” e não “John” ou “Rodriguez”. Ela fizera uma ligeira pausa.

— Nesse caso, chame-me Patience e não Grace — disse-lhe, causando o contido divertimento dos presentes.

A deflexão do seu nome verdadeiro para um que também significava algo deixou-o interessado.

— Muito bem, posso chamar-lhe apenas Grace — retorquiu, com a certeza de que aquilo não tinha agradado à sua interlocutora.

Como forma de defesa, ela referia-se continuamente a ele como diretor “interino”. O que era verdade: entre a intendência dela e a sua ascensão oficial ao cargo havia um abismo, um vale de tempo, de formulários para preencher, de procedimentos necessários, de seleção e contratação de pessoal. Até que esse processo chegasse ao fim, a questão da autoridade seria delicada.

Mas Control preferia não pensar nela em termos de “paciência” ou “graça”. Preferia vê-la como uma abstração, se não mesmo uma obstrução. Fizera-o assistir a uma velha gravação de vídeo com informações acerca da Área X, sabendo, com certeza, que se tratava de algo demasiado elementar e totalmente ultrapassado. Tinha-lhe já deixado claro que a relação deles seria complicada. Do lado dela, pelo menos.

— Onde as encontraram? — perguntou ele, quando o que teria querido perguntar era porque não tinham sido separadas umas das outras. Por uma falha de disciplina? Porque o departamento tem estado a cair no esgoto desde há muito? O esgoto já deve ter inundado a cave.

— Leia os ficheiros — respondeu ela, deixando bem claro que ele já os devia ter lido.

Em seguida saiu da sala, deixando-o só para que lesse os documentos que estavam sobre a mesa em frente dele. E para que observasse as três mulheres do outro lado do vidro.

É claro que tinha lido a documentação, mas esperara fugir à rígida vigilância da subdiretora, talvez mesmo tentar perceber o que ela pensava. Lera partes do ficheiro dela também, mas ainda não tinha uma imagem clara dela a não ser nas reações que ele lhe provocava.

O seu primeiro dia de trabalho levava apenas quatro horas, mas já se sentia contaminado por aquele edifício sombrio e bizarro, com as suas alcatifas verdes coçadas e as opiniões antiquadas de toda a gente com quem falara. Havia ali uma sensação de apoucamento, até na luz do sol que mal entrava pelas janelas altas e retangulares. Vestia o seu habitual blazer preto com calças pretas, uma camisa branca, uma gravata azul de tom suave e calçava os sapatos pretos que ele mesmo engraxara nessa manhã. Pergunta-se agora porque se dera ao trabalho. Não gostava de pensar assim, porque não estava acima das coisas — estava *nelas* — mas, em certas ocasiões, era difícil não o fazer.

Control observou longamente as três mulheres, ainda que a sua aparência não lhe desse quaisquer pistas. Vestiam todas o mesmo tipo de uniforme genérico, um misto de uniforme militar com farda de empregadas de limpeza. Tinham a cabeça rapada, como se tivessem sido afetadas por uma infestação de piolhos, em vez de algo bastante mais inexplicável. Tinham todas a mesma expressão no rosto. Ou melhor: pareciam não ter qualquer expressão. *Não penses nos nomes delas*, repetira mentalmente no avião a caminho dali. *Deixa-as apenas referirem-se às suas funções respetivas, de início, e depois compões o resto*. Mas Control nunca fora muito bom a permanecer distante das coisas. Gostava de se envolver, de tentar chegar a um nível em que os pormenores lhe iluminassem o caminho sem o ofuscarem.

A topógrafa fora encontrada em sua casa, sentada numa cadeira no pátio das traseiras.

A antropóloga fora encontrada pelo seu marido, a bater à porta dos fundos do consultório deste.

A bióloga tinha sido encontrada num lote de terreno baldio a alguns quarteirões de sua casa, a olhar para uma parede de tijolo em ruínas.

Tal como os membros da expedição anterior, nenhuma delas se lembrava de como tinha feito a travessia da Área X até casa, através da fronteira invisível. Nenhuma sabia como contornara os bloqueios, as cercas e outros obstáculos que os militares tinham colocado em redor da fronteira. Nenhuma sabia o que tinha acontecido ao quarto membro da expedição, a psicóloga, que, por acaso, fora também a diretora da Extensão Sul e que, contra todas as objeções, decidira liderar a expedição sob anonimato.

Nenhuma parecia lembrar-se de fosse o que fosse.



Nessa manhã, durante o pequeno-almoço na cafetaria, Control olhara para a janela enorme que ia de uma parede a outra e dava para um pátio repleto de mesas de pedra, e depois para a fila de pessoas — muito poucas, parecia-lhe, para um edifício tão grande.

— Porque é que as pessoas não estão mais animadas com o regresso da expedição?

Grace lançara-lhe um olhar de comiseração impaciente, como se ele fosse um aluno particularmente lento de uma classe de repetentes.

— Porque é que acha, Control?

Ela conseguira já colocar um peso irónico no seu nome, o que o fazia sentir-se como a chumbada numa das canas de pesca do seu avô, destinada a cair sobre o leito lodoso de dezenas de lagos.

— Passámos pela mesma coisa na última expedição. Houve nove meses de interrogatórios e mesmo assim não descobrimos nada. E enquanto isso durou, eles estavam a morrer lentamente. Como acha que isso nos faz sentir?

Longos meses de desorientação seguidos das suas mortes devidas a uma forma particularmente maligna de cancro.

Respondera concordando com um simples sinal da cabeça. Ela tinha razão, obviamente. O pai dele morreria com cancro. Não tinha pensado nos efeitos de tudo aquilo na equipa. Para ele, aquilo não passava de uma

abstração, apenas palavras num relatório, lidas durante a viagem de avião até ali.

A alcatifa da cafeteria era de um verde mais escuro, na qual se via um padrão feito de setas num verde mais claro. Todas as setas apontavam para o pátio.

— Porque é que não há mais luz aqui? — perguntou. — Para onde vai toda a luz?

Mas Grace estava já farta de responder às suas perguntas.



Quando uma delas — a bióloga — girou a cabeça quase impercetivelmente na direção do vidro, como se conseguisse vê-lo, Control evitou o seu olhar com uma espécie de embaraço retardado. O tipo de vigilância que ele estava a fazer era impessoal, profissional, mas talvez não fosse sentida dessa forma, mesmo que elas soubessem que estavam a ser observadas.

Ninguém lhe dissera que iria passar o seu primeiro dia a interrogar sobreviventes confusas acabadas de regressar da Área X, e, contudo, a Central saberia certamente disso quando lhe fora oferecido o cargo. Os membros da expedição tinham sido resgatados quase seis semanas antes, e sujeitos a um mês de testes num local a norte antes de serem enviados para a Extensão Sul. Da mesma forma, ele fora enviado à Central para duas semanas de instruções, incluindo dias de pausa que pareciam deslizar sem que nada acontecesse. Então, de repente, tudo acelerara e ele ficara com a impressão de uma súbita urgência.

Havia alguns pormenores que, desde a sua chegada, tinham feito com que se sentisse tomado por uma espécie de exasperação sem sentido. A Voz, o seu principal contacto nas hierarquias superiores, tinha dado a entender numa das sessões iniciais que aquele seria um trabalho muito fácil, dado o seu historial. A Extensão Sul tinha-se tornado numa agência atrasada no tempo e estagnada, guardando um segredo dormente pelo qual mais ninguém parecia interessar-se, agora que a preocupação era o terrorismo e o colapso ecológico. A Voz, na sua maneira áspera, tinha tipificado a sua missão: iria, “de início”, procurar “aclimatar-se, avaliar, analisar e, em seguida, ir a fundo”, o que não era propriamente o tipo de coisas que lhe davam para fazer recentemente.

Numa carreira claramente de altos e baixos, Control tinha começado como operacional no terreno: vigilância a células de terrorismo dentro do território nacional. Fora depois promovido à secção de síntese de dados e análise organizacional: pouco mais de duas dúzias de casos, muito banais e semelhantes, mas sobre os quais estava proibido de falar. Casos invisíveis ao público: a história secreta do nada. Mas, à medida que o tempo passava, ele foi-se tornando cada vez mais no tipo que resolve problemas, talvez porque parecia ser mais eficiente a identificar os problemas específicos das outras pessoas do que a cuidar dos seus próprios e mais genéricos problemas. Significava não ter de ficar num local até ao fim, ainda que, agora, fosse precisamente isso que queria: resolver uma missão até à sua conclusão. O problema era que ninguém gostava muito desse tipo de pessoa — “deixe-me mostrar-lhe o que está a fazer mal” — em particular se se achasse que o tipo que estava ali para resolver as coisas precisava ele próprio de um arranjo por coisas mal resolvidas a montante na sua vida.

Começava sempre tudo bem, ainda que nem sempre acabasse da mesma forma.

A Voz tinha-se também esquecido de mencionar que a Área X ficava para além de uma fronteira que, mais de trinta anos depois, ainda ninguém conseguira entender. Fora ele que se dera conta disso ao ler os ficheiros e ao ver aquele vídeo de orientação perfeitamente inútil.

Também não lhe tinha sido dito que a subdiretora o iria odiar tanto por substituir a diretora desaparecida. Devia, contudo, tê-lo previsto: segundo o que pudera ler no ficheiro sobre ela, Grace tinha crescido numa família de baixa classe média, frequentara uma escola pública e trabalhara mais do que qualquer outra pessoa para chegar onde chegara. Por seu lado, Control chegara rodeado de boatos que o davam como membro de uma espécie de dinastia invisível, o que, como é natural, causara ressentimentos. Não havia como negá-lo, ainda que, se as coisas fossem vistas ao pormenor, essa dinastia parecia mais um *franchise* em decadência.

— Estão prontas. Siga-me — ordenou-lhe Grace, que reaparecera junto à porta.

Sabia que havia várias maneiras de desmontar a oposição de um colega, ou a sua determinação. Iria provavelmente ter de tentar todas.

Control pegou em dois dos três ficheiros que estavam em cima da mesa e, de olhar fixo na bióloga, rasgou-os ao meio, sentindo bem toda a força da torção nas palmas das mãos, e deitou-os ao caixote do lixo.

Ouviu atrás de si um som semelhante ao de alguém que lutava por respirar.

Virou-se e encarou de frente a fúria muda da subdiretora. Mas, além da fúria, via também cansaço nos olhos dela. Isso satisfê-lo.

— Porque é que ainda mantém registos em papel, Grace? — perguntou, dando um passo em frente.

— A diretora insistiu nisso. Fez o que acabou de fazer por alguma razão?

Ignorou-a.

— Grace, porque é que ninguém aqui parece sentir-se confortável a usar as palavras “alienígena” ou “extraterrestre” quando se fala da Área X?

Ele também não se sentia à vontade ao usá-las. Por vezes, desde que lhe tinham contado a verdade, sentia que se abria dentro dele um enorme abismo, repleto dos seus próprios gritos e uivos de incredulidade. Mas nunca iria admiti-lo. Como os jogadores de poker, ele tinha a capacidade de afastar as emoções do rosto: amantes, familiares e até estranhos tinham-lho dito. Um metro e oitenta e dois de altura. Impassível. A compleição compacta e musculada de um atleta: conseguia correr quilómetros atrás de quilómetros sem sentir nada. Orgulhava-se de fazer uma boa dieta e algum exercício, ainda que gostasse de whisky.

Ela manteve-se firme.

— Ninguém sabe ao certo. Não é bom fazer juízos prematuros acerca das provas disponíveis.

— Mesmo depois de todo este tempo? Eu só preciso de interrogar uma delas.

— O quê?

Sentia que aplicava agora naquela conversa a torção que as suas mãos tinham aplicado sobre o papel.

— Não preciso dos outros ficheiros porque só vou interrogar uma delas.

— Precisa deles todos.

Como se ela ainda não tivesse percebido.

Girou o corpo para pegar no ficheiro restante.

— Não. Só o da bióloga.

— É um erro.

— Setecentos e cinquenta e três não é um erro. Setecentos e vinte e dois também não.

Ela semicerrou os olhos.

— Há algo de errado consigo.

— Mantenha a bióloga na sala — disse ele, ignorando-a mas adotando a sua sintaxe. *Sei algo que tu não sabes.* — Mande as outras de volta aos seus aposentos.

Grace ficou a olhá-lo fixamente, como se ele fosse uma espécie de roedor e ela estivesse indecisa entre sentir nojo ou pena dele. Depois anuiu secamente com a cabeça e saiu.

Ele relaxou e respirou fundo. Ainda que fosse obrigada a cumprir as suas ordens, ela teria controlo sobre os funcionários durante as duas semanas seguintes e poderia prejudicá-lo de muitas formas antes de ele estar devidamente inserido.

Seria alquimia ou magia verdadeira? Estaria errado? E teria isso qualquer importância, uma vez que, em caso de erro, todas se assemelhavam entre si?

Sim, tinha importância.

Aquela era a sua última oportunidade.

A sua mãe tinha-lhe dito isso antes de ele ter ido para ali.



A mãe de Control sempre lhe parecerá um raio de luz num céu de noite escura. Ora presente, ora ausente, mas sempre na sua memória. Podia perguntar-se sobre o que tinha sido aquele raio, o que o causara, mas nunca pudera realmente *conhecê-lo*.

Como filha única, Jackie Severance tinha seguido o exemplo do seu pai e alistara-se, tendo uma carreira exemplar. Chegara agora a níveis muito superiores aos que Jack Severance, o seu pai, atingira, e ele tinha sido um agente várias vezes condecorado. Tinha-a educado para ser objetiva e organizada, uma líder. Control ouvira dizer que o seu avô obrigara a Jackie a treinar-se em corridas de obstáculos com pneus e a espetar com uma baioneta sacos de farinha. Não havia muitos álbuns de fotografias de onde pudesse obter a confirmação de tudo isso. Fosse como fosse, ela herdara dele também uma espécie de crueldade inconsciente, uma expectativa permanente de alto rendimento e um calculismo que se podia manifestar numa aparente indiferença ao destino dos que a rodeavam.

Como um raio de luz distante, Control admirava-a intensamente e tinha mesmo decidido seguir-lhe as pisadas, ainda que a níveis de

importância muito inferiores. Mas, como mãe, mesmo quando estava por perto, ela era pouco fiável, até em coisas simples como ir buscá-lo à escola, lembrar-se dos seus almoços ou ajudá-lo com os trabalhos para casa: em tudo o que importava neste lado da vida, ela era tudo menos consistente. O certo é que sempre o encorajara e apoiara na sua decisão precipitada de se alistar, e durante o seu serviço.

O avô Jack, por seu lado, nunca gostara da ideia.

— Acho que ele não tem o temperamento adequado — dissera certo dia, ao olhar para o jovem.

Esse julgamento fora devastador para um rapaz de dezasseis anos, já decidido a alistar-se, e tivera apenas como consequência o reforço da sua teimosia em fazê-lo: fizera com que se focasse mais e apontasse com determinação ao céu e à luz. Mais tarde concluiu que talvez tivesse sido precisamente com essa intenção que o seu avô o dissera. O avô tinha um lado imprevisível, como um fogo na floresta, ao passo que a sua mãe era como uma chama impassível de luz azul.

Quando ele tinha oito ou nove anos, a mãe levava-o pela primeira vez à casa de verão junto ao lago, “o nosso clube de espionagem privado”, como ela lhe chamava. Apenas ele, a mãe e o avô. Havia um velho recetor de TV a um canto da sala, do lado oposto a um sofá que já vira melhores dias. O avô obrigava-o a mexer na antena para melhorar a receção, enquanto na divisão contígua a mãe analisava uns ficheiros não confidenciais que trouxera do trabalho.

— Só um pouco mais para a esquerda, Control. Um pouco mais.

E foi assim que ficou com aquele apelido, sem saber que o avô o adaptara do calão dos espões. Enquanto criança, pensava no apelido como algo prestigiante, algo que o seu avô lhe dera com amor. Mas tinha já a astúcia suficiente para não contar isso a ninguém fora da família, nem às suas namoradas, durante muitos anos. Deixava que pensassem que se tratava de um apelido conquistado nas atividades desportivas durante o liceu, onde jogara futebol americano.

Quando cresceu, decidiu assumi-lo definitivamente. Sentia já então a ferroada de condescendência no apelido, mas nunca pensara em perguntar ao avô porque escolhera chamar-lhe assim. Achava que talvez o facto de passar tanto tempo a ler na casa do lago como a pescar tivesse feito com que o avô começasse a gostar menos dele.

Por isso tinha adotado o apelido como nome próprio, tornara-o seu,

e assim ficara. Mas aquela tinha sido a primeira vez que dissera a colegas de trabalho que lhe chamassem “Control”, e, por mais que pensasse no assunto, não sabia bem porquê. A coisa viera-lhe num repente, como se, de alguma forma, pudesse começar tudo de novo.

Um pouco mais para a esquerda, Control, e talvez ainda consigas chegar a esse raio de luz.



Porquê um lote de terreno baldio? Desde que, ao início da manhã, vira a gravação tirada da câmara de vigilância, estava a fazer-se essa pergunta. Porque tinha a bióloga regressado a um lote baldio e não à sua casa? As outras duas tinham voltado a algo mais pessoal, a um lugar com o qual tinham ligações sentimentais. Mas a bióloga deixara-se estar horas seguidas num terreno abandonado e cheio de ervas daninhas, esquecendo tudo à sua volta. Pela sua experiência em observar as gravações de entrevistas com inúmeros suspeitos de crimes, Control tornara-se particularmente hábil em captar os maneirismos mais impercetíveis ou os tiques nervosos que pudessem significar que algo estava a ser transmitido em código. Mas naquela gravação não havia nada disso.

A presença dela naquele terreno tinha chegado ao conhecimento da Extensão Sul através de um relatório da polícia local, que a prendera por vadiagem, uma reação algo tardia e motivada por uma busca ativa a partir do momento em que a Extensão capturara as outras duas.

E havia também aquela questão entre concisão e concisão.

753. 722.

Uma pista débil, mas Control tinha já a impressão de que este caso se resolveria nesses detalhes mais pequenos, em trabalho de detetive. Nada seria fácil ali. Não teria a sorte de encontrar um maluquinho qualquer que fizera uma bomba artesanal com fertilizante e se motivara com uma versão abreviada de uma ideologia de pacotilha, apenas para começar a cantar assim que o pusessem sob interrogatório.

Durante as entrevistas preliminares antes da seleção dos membros da décima segunda expedição, a bióloga, segundo a transcrição que se encontrava no meio dos seus ficheiros, tinha emitido apenas 753 palavras. Ele tinha-as contado a todas. Incluindo as palavras “o pequeno-almoço” como resposta completa a uma pergunta. Control tinha adorado essa resposta.

Contara e voltara a contar as palavras durante as horas em que teve de esperar que ligassem o seu computador, lhe atribuíssem um cartão de segurança, lhe dessem as palavras-chave e os códigos secretos e toda a restante série de rituais a que já se habituara ao longo da sua passagem por várias agências e departamentos.

Apesar dos esforços de Grace em colocá-lo no que não era mais do que um armário minimamente decente, longe dos locais de decisão, ele insistira em ocupar a sala da antiga diretora. Insistira também em que deixassem tudo como estava nessa sala, incluindo os objetos pessoais. Grace estava visivelmente desagradada com a ideia dele a mexer nas coisas da diretora.

— Você não está a ver bem as coisas — dissera-lhe ela, quando os outros tinham saído. — Não está mesmo a par de como as coisas se fazem aqui.

Ele limitara-se a anuir com a cabeça porque não havia como negar a estranheza do seu pedido. Mas se a sua missão era a de saber exatamente o que se passara e de repor a normalidade, precisava de ter uma ideia clara de como as coisas tinham descarrilado. E como um sociopata qualquer lhe dissera num outro posto onde servira: “O peixe começa a apodrecer pela cabeça”. O certo é que o peixe apodrece uniformemente: a corrupção celular desconhece coisas como a hierarquia ou as diferenças de casta. O que, ainda assim, não retirava alguma veracidade àquelas palavras.

Control pusera-se imediatamente à vontade, sentando-se atrás da velha secretária de tempo puído, por entre as pilhas desordenadas de pastas com ficheiros, de notas manuscritas e de *post-its*. A cadeira giratória dava-lhe uma visão panorâmica perfeita das estantes de livros nas paredes e dos quadros de cortiça repletos de bocados de papel que neles tinham sido afixados com pioneses, uma e outra vez ao longo dos anos, até parecerem uma delicada e bizarra instalação artística. A sala cheirava a mofo, com um remoto aroma de cigarros fumados havia muito tempo.

O tamanho e o peso do monitor do computador que pertencera à diretora traíam a sua obsolescência, tal como a grossa camada de pó que se acumulara sobre ele, dando-lhe o aspeto de ter estado inativo durante décadas. Estava arrumado a um canto, junto a uma folha de calendário onde uns gatafunhos assinalavam a sua localização original e a localização do portátil que aparentemente o substituíra, ainda que ninguém tivesse encontrado esse portátil. Fez uma nota mental para se lembrar de perguntar se a pesquisa tinha incluído a casa da diretora.

A data do calendário era do final da década de 1990. Teria sido por

então que a diretora começara a perder o fio à meada? Teve uma súbita visão dela na Área X junto com os membros da décima segunda expedição, perdida no meio da floresta, sem um destino aparente: uma mulher alta e algo rude, que parecia mais velha do que os seus quarenta e picos. Em silêncio, dilacerada por conflitos internos. De tal forma consumida pela sua responsabilidade que acabara por acreditar que deveria juntar-se às pessoas que mandara na expedição. Porque não tinha ninguém sido capaz de a impedir? Ninguém se interessara pelo seu destino? Tê-los-ia convencido de que essa era a melhor opção? A Voz não dissera nada sobre isso. Os ficheiros sobre ela que restavam, terrivelmente incompletos, nada lhe diziam também.

Tudo naquilo que vira lhe mostrara que ela se tinha preocupado com aquelas mulheres, mas muito pouco ou nada com o funcionamento da agência.

O seu joelho esquerdo roçou em algo sob o tampo da secretária: a torre do computador. Perguntou-se se também este deixara de funcionar nos anos noventa. Control teve a sensação de que seria melhor não ver as salas onde trabalhavam os técnicos de informática, os cadáveres miseráveis de computadores com décadas de serviço, o museu caótico em que, sem qualquer intenção aparente, aquele monte de plástico, fios e placas de circuito se tornara. Talvez o peixe sempre começasse a apodrecer pela cabeça, mas apenas a diretora se tinha decomposto.

Desprovido de computador com que trabalhar, não estando o seu portátil ainda validado pelos serviços de segurança, Control atirou-se à leitura das transcrições das entrevistas de seleção dos membros da décima segunda expedição. Na sua função de psicóloga, fora a própria diretora quem as conduzira.

Na opinião dele, as outras recrutas tinham sido como gêiseres incontidos e imparáveis, gente que parecia não controlar uma enxurrada de risos e lugares-comuns. Gente que, por comparação, parecia não saber estar calada. 4623 palavras. 7154 palavras. E a campeã absoluta, a linguista, que desistira de ir no último momento, com um total de 12.743 palavras de respostas, incluindo uma memória de infância heroicamente longa, “tão interessante como uma pedra dos rins a sair pela pila”, escrevera alguém na margem. O que deixara apenas a bióloga e as suas concisas 753 palavras. Aquele tipo de autocontrolo obrigara-o a ler também *entre* as palavras, nas pausas entre elas. A certo ponto, por exemplo, ela dissera o seguinte:

“Gostei de todos os trabalhos de campo que fiz”. Ora ela tinha sido despedida de quase todos. Ela julgara que não dissera nada de especial, mas cada palavra — até “pequeno-almoço” — criara uma abertura. O pequeno-almoço não tinha sido algo muito agradável para ela durante a infância.

O fantasma estava ali mesmo, naquelas transcrições que ele lera desde o regresso dela, a mover-se entre o texto. Coisas que se revelavam nos espaços em branco, fazendo-o temer dizer as palavras dela em voz alta, com receio de não ter entendido com certeza absoluta as correntes subterrâneas e as referências ocultas. Uma descrição detalhada de um cardo, a menção de um farol, uma frase ou duas a descrever a qualidade da luz nos pântanos da Área X. Nada daquilo deveria tê-lo incomodado, mas não conseguia deixar de a sentir ali com ele, a espreitar por cima do seu ombro, com uma intensidade que estava ausente das entrevistas com as outras.

A bióloga afirmava ter tão pouca memória do que lhe acontecera como as outras.

Control sabia que isso não era verdade, ou que, se a interrogasse devidamente e à parte, se iria revelar uma mentira. Será que queria fazer isso? A cautela dela derivava de algo que acontecera na Área X ou era uma característica da sua personalidade? Uma sombra passou sobre a secretária da diretora nesse momento. Ela tinha estado ali antes, ou ali perto, a tomar esse tipo de decisões, e isso quase a destruíra. Mas ele não tinha outra opção.

Um setecentas palavras, desde o seu regresso. Tal como as outras duas. Mas, ao contrário destas, isso mal se comparava com a contenção dela antes da partida. E havia os estranhos detalhes que estavam ausentes dos depoimentos das outras. Enquanto a antropóloga poderia dizer algo como “a natureza selvagem estava em estado de pureza e sem presença humana”, a bióloga diria: “Havia cardos de um cor-de-rosa brilhante por todo o lado, mesmo nas zonas em que a água doce dava lugar à água salgada... A luz ao amanhecer era uma chama branda, esplendorosa”.

Combinado com a estranheza daquele lote baldio, aquilo fazia com que Control acreditasse que a bióloga teria muito mais recordações do que as outras. Que ela estava ali muito mais presente do que as outras, mas que, por uma razão qualquer, tinha decidido não revelar. Nunca se deparara com algo assim, mas lembrava-se de um interrogatório que um colega fizera a um terrorista que sofrera um traumatismo craniano: dias e dias passados junto à sua cama no hospital, esperando que a memória dele

voltasse. E voltou. Mas apenas os factos, não as motivações ou os impulsos que tinham causado as suas ações. Um caso perdido, portanto, tornado numa presa fácil para os interrogadores.

Control não tinha partilhado a sua teoria com a subdiretora porque, se estivesse enganado, ela usaria isso para fortalecer a sua já muito negativa opinião sobre ele. Mas também para a manter em suspense o máximo de tempo possível. “Nunca faça nada apenas por um motivo”, dissera-lhe o avô mais do que uma vez, e isso, pelo menos, ele tinha levado à letra.



Antes de o raparem, o cabelo da bióloga fora longo e de um castanho escuro, quase negro. Tinha sobrancelhas negras e espessas, olhos verdes, um nariz fino e algo assimétrico (partira-o uma vez, ao cair de umas rochas) e maçãs do rosto acentuadas que traíam a sua ascendência asiática de um dos lados da família. Os seus lábios rachados eram surpreendentemente cheios para um rosto tão sombrio e fino. Desconfiava dos olhos, das suas proporções, e procurara confirmar se eles não tinham sido de outra cor antes da expedição.

Mesmo sentada à mesa, ela projetava a sensação de ser fisicamente forte, com uma camada de músculo compacto na zona entre os ombros e o pescoço. Até àquele momento, todos os testes para despistar cancro e outras doenças tinham dado resultado negativo. Não se lembrava do que estava indicado no ficheiro dela, mas Control pensou que ela seria quase tão alta como ele. Fora mantida na ala oriental do edifício durante duas semanas, limitando-se a comer e a fazer exercício.

Antes da expedição, a bióloga recebera um treino intensivo de sobrevivência e uso de armas de fogo num aquartelamento central dedicado a esse fim. Ter-lhe-iam inculcado as meias-verdades que o comando da Extensão Sul tivesse achado úteis, seguindo um critério que o próprio Control achava misterioso, suspeito até. Teria sido sujeita a um condicionamento para a tornar mais suscetível a sugestões hipnóticas.



A psicóloga-e-diretora teria tido à sua disposição uma série de códigos hipnóticos para usar, palavras que, em certas combinações, produziriam

determinados efeitos. Ao fechar-se a porta atrás de si, passou-lhe pela cabeça o seguinte pensamento: teria a diretora tido algo que ver com o embotamento da memória delas, quando ainda estavam na Área X?

Control sentou-se calmamente numa cadeira do lado oposto ao da bióloga, ciente de que Grace — e talvez alguém mais com ela — estaria a observá-los através do vidro unidirecional. A bióloga fora já interrogada por peritos, mas Control era também uma espécie de perito, e precisava de ter contacto direto com ela. Havia algo na textura de uma entrevista presencial que faltava a uma transcrição ou a uma gravação em vídeo.

O chão sob os seus pés estava sujo, quase gorduroso. As luzes fluorescentes no teto eram incertas, piscando a intervalos regulares, e a mesa e as cadeiras pareciam saídas da cafetaria de um liceu. Sentia o odor metálico e acre de um detergente de limpeza de má qualidade, quase como mel apodrecido. Aquela sala não inspirava qualquer confiança na Extensão Sul. Uma sala destinada a esse tipo de entrevistas — ou que era suposto parecer-se a uma — devia ser mais confortável do que uma que fosse sempre destinada a interrogatórios, em que se presumisse uma possível resistência.

Agora que estava sentado de frente para a bióloga, Control apercebeu-se de que ela possuía o tipo de presença que o fazia pensar duas vezes antes de a olhar diretamente nos olhos. O certo é que se sentia sempre nervoso antes de interrogar alguém, como se aquele raio de luz brilhante no céu tivesse congelado e descido para pousar no seu ombro, a mãe em carne e osso a observá-lo. A verdade era que a mãe o vigiava de tempos a tempos: ela tinha acesso às gravações dos interrogatórios. Não se tratava de paranoia ou de uma mera sensação de desconforto, antes uma parte da sua realidade possível.

Por vezes, exagerar ligeiramente o seu nervosismo ajudava a fazer com que a pessoa do outro lado relaxasse. Assim, pigarreou para aliviar a garganta, tomou um hesitante gole de água do copo que trouxera com ele e pôs-se a manusear distraidamente a pasta com os ficheiros sobre ela pousada na mesa entre eles e um controlo remoto de TV que estava do seu lado direito. Para preservar as condições em que tinha sido encontrada, para que não adquirisse artificialmente novas memórias, a subdiretora tinha proibido que fossem dadas à bióloga quaisquer informações que constassem do seu ficheiro pessoal. Control achara a medida cruel mas concordara com Grace. Queria que aquele ficheiro ali entre eles pudesse

parecer-se com uma possível recompensa numa sessão mais tardia, ainda que não tivesse decidido se iria realmente mostrar-lho.

Control apresentou-se usando o seu nome verdadeiro, informou-a de que a “entrevista” estava a ser gravada e pediu-lhe que dissesse o seu nome.

— Pode chamar-me Pássaro Fantasma.

Teria ouvido um tom de provocação na voz dela?

Ele fitou-a diretamente e, sentindo-se imediatamente perdido, afastou o olhar. Estaria ela a usar algum tipo de sugestão hipnótica? Foi a primeira coisa que pensou, mas depressa afastou isso da mente.

— Pássaro Fantasma?

— Ou não me chame nada.

Ele anuiu com a cabeça. Sabia quando devia desistir de insistir com certas coisas, e teria sempre oportunidade de investigar depois. Lembrou-se vagamente de algo parecido no ficheiro dela. Talvez.

— Pássaro Fantasma — disse, como se a testar o som das palavras. Estas soavam secas e duras ao saírem-lhe da boca, muito pouco naturais. — Lembra-se de alguma coisa da expedição?

— Já disse isso aos outros. Era um ambiente selvagem em estado de pureza.

Notou no tom da voz dela um travo de ironia, mas não conseguiu ter a certeza absoluta disso.

— Ficou a conhecer bem a linguista durante o treino?

— Nem por isso. Fartava-se de falar, nunca se calava. Era...

A bióloga estacou, enquanto ele tentava refrear qualquer manifestação do súbito júbilo que sentiu. Uma pergunta que ela não esperara.

— Era o quê?

O anterior interrogador usara a técnica habitual: estabelecer uma ponte de comunicação, apresentar os factos e cimentar a relação a partir daí. Mas os resultados tinham sido fracos.

— Não me lembro.

— Eu acho que se lembra.

E se se lembrava daquilo, então...

— Não.

Abriu a pasta com algum espalhafato para consultar as transcrições, deixando à vista os extremos das páginas agrafadas que mostravam os dados biográficos dela.

— Muito bem. Fale-me então dos cardos.

— Os cardos?

As sobranceiras expressivas dela comunicaram-lhe que a pergunta tivera efeito.

— Sim. Falou deles com muito detalhe. Porquê?

Ainda estava espantado com todos aqueles pormenores sobre cardos que ela dera numa entrevista na semana anterior, quando chegara à Extensão Sul. Isso fê-lo pensar de novo em sugestões hipnóticas. Em palavras usadas como escudos protetores.

A bióloga encolheu os ombros.

— Não sei.

Ele começou a ler uma parte da transcrição.

— “Os cardos ali têm uma flor cor de lavanda e crescem nos terrenos entre a floresta e o pântano. É impossível não dar com eles. Atraem uma variedade de insetos e o zumbido e a claridade que os rodeiam dão à Área X uma sensação de atividade fervilhante, como se fosse uma cidade.” E continua neste estilo.

Ela voltou a encolher os ombros.

Ao contrário do habitual, Control não queria insistir neste ponto, preferindo deslizar sobre o terreno, mapear todo o território que queria cobrir com ela. E assim fez.

— O que é que se lembra do seu marido?

— Em que é que isso é relevante?

— Relevante para quê?

Um salto para apanhar a presa.

Ela não respondeu, pelo que ele voltou à carga.

— O que é que se lembra do seu marido?

— Que tive um. Algumas memórias de antes de ter ido na expedição, como as que tinha da linguista.

Esperta, a tentar juntar as duas coisas, como se fizessem parte do mesmo conjunto. Vaga, sem definir nada.

— Sabia que ele também regressou? Que ele também se sentiu desorientado?

— Eu não estou desorientada — lançou ela rapidamente, inclinando-se para a frente.

Control inclinou-se para trás. Não tinha medo dela, mas durante um segundo pensou que devia ter. A TAC ao cérebro mostrara resultados normais. Todas as medidas para testar a presença de uma qualquer espécie

invasiva tinham sido tomadas. Ou a presença de um “intruso”, como Grace dissera, ainda incapaz de pronunciar algo que se aproximasse de “alienígena”. O Pássaro Fantasma estava até mais saudável agora do que quando fora na expedição: as toxinas presentes na maioria das pessoas estavam, nela e nas outras, a um nível muito abaixo do normal.

— Não quis ofender.

Mas o certo é que ela *estava* desorientada. Control sabia-o. Independentemente do que ela se lembrasse ou não, a bióloga que ele conheceu nas gravações e transcrições feitas antes da expedição nunca mostraria estar irritada daquela forma tão súbita. O que teria ele feito ou dito para ela reagir assim?

Pegou no controlo remoto que estava junto à pasta e clicou duas vezes. O ecrã plano que estava afixado na parede à esquerda deles acendeu-se e mostrou a imagem difusa e pixelada da bióloga no lote de terreno baldio, quase tão imóvel como o pavimento ou os tijolos do edifício à sua frente. Tudo estava banhado nos tons esverdeados e no negrume das imagens captadas por uma câmara de videovigilância.

— Porquê aquele lote de terreno? Porque a encontrámos ali?

Ela devolveu um olhar de indiferença e nenhuma resposta. Ele deixou que a reprodução da gravação continuasse. A repetição em fundo costumava afetar os entrevistados. Mas, em geral, as gravações de vídeo mostravam um suspeito a pousar uma mochila ou a meter algo numa lata de lixo.

— Primeiro dia na Área X — continuou ele. — A caminho do acampamento de base. O que aconteceu?

— Nada de especial.

Control não tinha filhos, mas imaginou que aquela seria a reação de um adolescente a quem se tivesse perguntado pelo seu dia na escola. Talvez fosse melhor voltar um pouco atrás.

— Mas, já dos cardos, lembra-se muitíssimo bem.

— Não sei porque continua a falar em cardos.

— Porque o que disse sobre eles sugere que se lembra de algumas coisas que aconteceram na expedição.

Uma pausa. Control sabia que ela o observava. Queria devolver-lhe o olhar mas algo o impediu, algo lhe fez sentir que o sonho de cair nas profundezas poderia dominá-lo.

— Porque me mantêm como prisioneira aqui?

Isso fê-lo sentir-se seguro para voltar a enfrentar o seu olhar, como se o momento de perigo tivesse passado.

— Não é prisioneira. Isto é apenas parte do processo normal.

— Mas não posso ir-me embora.

— Ainda não. Mas há de ir.

Talvez para outra dependência da Extensão Sul. Poderia levar uns dois ou três anos, se tudo corresse bem, até libertarem as regressadas da expedição. O seu estatuto legal estava naquela zona cinzenta muitas vezes designada, e de forma algo arbitrária, de segurança nacional.

— Não me parece.

Ele decidiu voltar a insistir.

— O que seria então relevante, já que os cardos não o são? O que deveria perguntar-lhe?

— Não acha que esse é o seu trabalho?

— O que é o meu trabalho?

Mas ele sabia perfeitamente o que ela quisera dizer.

— Você está à frente da Extensão Sul.

— Sabe o que é a Extensão Sul?

— Sssim.

Disse-o como se emitisse um silvo.

— E no segundo dia da expedição? Quando é que as coisas começaram a ficar estranhas?

Tinham mesmo começado a ficar estranhas? Ele tinha de assumir que sim.

— Não me lembro.

Control inclinou-se para a frente.

— Posso pô-la sob hipnose. Tenho direito a fazê-lo. E posso fazê-lo.

— A hipnose não funciona comigo — respondeu ela, com um tom de voz que denotava o nojo que a ameaça dele lhe causara.

— Como é que sabe?

Um momento de desorientação. Teria ela acabado de revelar algo que não desejava revelar, ou ter-se-ia lembrado de algo de que se esquecera até então? Saberia a diferença?

— Sei-o.

— Para termos a certeza, podíamos recondicioná-la e pô-la sob hipnose.

Um *bluff*, claro: isso seria logisticamente muito complicado. Para o

conseguir, Control teria de a enviar à Central, onde ela desapareceria para sempre. Conseguiria ver os relatórios mas nunca mais teria contacto directo com ela. E o facto era que ele não queria propriamente recondiçioná-la.

— Faça isso e eu...

Consegui parar no exato limite do que parecia ser o início do verbo “matar”.

Control decidiu ignorá-la. Já o tinham ameaçado vezes suficientes para saber quais as ameaças que devia levar a sério.

— O que a tornou resistente à hipnose?

— E *você*, é resistente à hipnose também?

Desafiadora.

— Porque estava naquele lote de terreno abandonado? As outras duas foram encontradas quando estavam à procura daqueles que amavam.

Nenhuma resposta.

Talvez já se tivesse falado o suficiente. Talvez aquilo chegasse por enquanto.

Control desligou o ecrã, pegou na pasta, cumprimentou-a com um gesto da cabeça e encaminhou-se para a porta.

Ali chegado, com a porta já aberta e a deixar entrar o que pareciam ser mais sombras do que deveria, virou-se e olhou de novo para a bióloga, notando no canto da visão a subdiretora a observá-lo do fundo corredor.

— Qual foi a última coisa que se lembra de ter feito na Área X?

A pergunta que ele quisera fazer desde o início, o remate do primeiro ato.

A resposta, inesperada, veio direita a ele como um ataque, como o choque da luz contra a escuridão.

— Afogar-me. Estava a afogar-me.

002

AJUSTAMENTOS

Fecha os olhos e vais conseguir lembrar-te de mim. Fora o que o pai de Control lhe dissera três anos antes, num lugar não muito distante de onde se encontrava agora: o morto a tentar reconfortar o que vivia. Mas quando fechava os olhos, tudo desaparecia exceto o sonho de estar a cair e as cicatrizes acumuladas das suas missões passadas. Porque dissera a bióloga aquilo? Porque dissera que tinha estado a afogar-se? Tinha-o abalado, mas dera-lhe também uma estranha sensação de ligação secreta entre ambos. Como se ela tivesse entrado na sua cabeça e visto o sonho, e agora estivessem unidos. Sentia-se incomodado, porque não queria qualquer tipo de ligações com as pessoas que tinha de interrogar. Ele tinha de poder planar acima de tudo e escolher quando descer em voo picado, e não ser puxado para baixo pela vontade de outrem.

Quando Control abriu os olhos, estava nas traseiras do edifício em forma de U que servia de quartel-general da Extensão Sul. A curva estava situada na parte frontal, junto a uma estrada e a um parque de estacionamento. Construído num estilo já fora de moda, o prédio em camadas de betão armado parecia-lhe ora um monumento, ora uma estrumeira. A cumeeira e os interstícios entre os blocos eram desconcertantes: a forma como o telhado se inclinava sobre o corpo do edifício era tudo menos funcional e fazia-o parecer-se com uma espécie de instalação artística ou escultura abstrata a uma escala descomunal e espantosa. Para piorar as coisas, a área entre os braços abertos do U tinha sido transformada num pátio virado para um lago que estava rodeado por uma floresta densa de árvores antiquíssimas. As margens do lago eram negras, como se outrora tivessem sido queimadas, e à superfície da água negra e salobra do lago viam-se os nós de inúmeros ciprestes raquíticos. A luz que banhava o lago tinha um tom cinzento e claustrofóbico, e parecia estar à parte do céu azul lá em cima.

Também aquilo tinha sido novo outrora, talvez durante o período